

# DESENHOS DO CRÍTICO, INCLINAÇÕES DA CRÍTICA

BENJAMIN ABDALA JUNIOR

Universidade de São Paulo

## Resumo

O ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, de Antonio Candido, foi uma resposta ao confinamento imposto pela ditadura militar brasileira. Aponta para perspectivas político-literárias, que situam a América Latina como um bloco cultural e têm em vista verificar o que as literaturas da região têm de próprio e em comum. O sentido do gesto do crítico literário pode ser apreendido, na atualidade, em inclinações correlatas, quando se impõe a necessidade de se pensar nos blocos comunitários supranacionais, para fazer face às assimetrias dos fluxos culturais.

## Abstract

*The essay “Literatura e subdesenvolvimento” [“Literature and underdevelopment”], by Antonio Candido, was written as a response to the confinement imposed by the Brazilian military dictatorship (1964-1985). It points out to political-literary perspectives, situating Latin America as a cultural block and aiming to verify what is particular and what is common among the literatures produced in this region. The sense of Candido’s gesture can be apprehended, nowadays, in correlative critic inclinations, as long as we sense the necessity of thinking about supra-national communitarian blocks in order to face up to the asymmetries among cultural fluxes.*

## Palavras-chave

Comunitarismo cultural;  
Literatura e política;  
Literaturas latino-americanas;  
Estudos comparados

## Keywords

*Cultural blocks;  
Literature and politics;  
Latin american literatures;  
Comparative studies*

**A** grande mídia, antes do grande *crack* financeiro, cujos efeitos estão atingindo o conjunto da sociedade em escala planetária, naturalizou a imagem utópica do mundo das finanças: desregulamentação e flexibilidade como modelo para a economia, um desenho naturalmente extensivo às práticas sociais e culturais. De acordo com a reiterada agenda que pautava os meios de comunicação, desregulamentação se afinaria com competitividade e, esta, com liberdade. O individualismo confundido, assim, com humanismo. E a conta está sendo paga coletivamente, sob mediação das esferas de estado.

Adapta-se, assim, o próprio capitalismo à nova situação, como já o fizera no *crack* de 1929. Encaminha-se novamente para as estratégias e formulações discursivas que até há pouco lhe eram avessas. Procura definir práticas reguladoras e reintroduz a necessidade de se pensar na idéia de planejamento, nas pegadas de teorias neokeynesianas.

Na vida cultural, discursos e práticas tendentes à administração da diferença – uma maneira de se exercer e justificar a ordem hegemônica –, acabam por emergir para primeiro plano. São exaltadas pela mesma mídia as potencialidades da democracia liberal, através de Barack Obama, alçado à presidência dos Estados Unidos. E o que seria uma possível emergência de uma população colocada à margem – não só de negros, mas também de latino-americanos e outros grupos étnicos (para o norte-americano preconceituoso, os étnicos são os outros) –, transforma-se em motivo de exaltação da vitalidade do sistema, estratégia para minimizar o fato de que ele está numa de suas crises. Na base econômico-social, a busca de soluções traz para primeiro plano modelos de salvação anteriores, como os utilizados no outro *crack* das finanças (1929). Haveria hoje a possibilidade de um novo *New Deal*, como o que embalou os anos de 1930, com o presidente Roosevelt? Cabe recordar que vieram dessa tendência liberal-democrática políticas reguladoras, com ações estatais e inclinações sociais. Essa administração veio

a tornar possível a hegemonia norte-americana, no após-guerra. Não obstante seu sentido político no quadro mais geral da competição capitalista ancorada nos estados nacionais, os ideais no *New Deal* contribuíram, também no após-guerra, para a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), voltada então, sob os escombros da guerra, para a resolução de problemas de caráter econômico, social, cultural e, mesmo, humanístico.

É diante dessa situação que a leitura do ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”<sup>1</sup>, de Antonio Candido, traz subsídios para reflexões e aponta para atitudes no âmbito da crítica literária que merecem discussão. Como contexto para nossas observações, convém recordar que a ONU, pela Carta de 1946, pautava-se pelo princípio de autodeterminação dos povos. Foi através das ações dessa organização e também pelo seu reconhecimento dos novos países egressos das malhas coloniais, nos anos 50 e 60, que foi possível a constituição do bloco dos países não-alinhados, do então chamado Terceiro Mundo. Mais e mais, entretanto, a ONU – sucumbida à hegemonia norte-americana – afastou-se de seus princípios e acabou na prática por substituir colonialismo, por neocolonialismo e imperialismo, marcadamente pela força e poder de fogo (econômico e militar) de seu restrito Conselho de Segurança.

O distanciamento tornou-se ainda maior, nas últimas décadas, pelo vertiginoso processo de americanização do mundo, sob a batuta do capitalismo financeiro. A utopia neoliberal, centrada psicossociologicamente na hipertrofia do indivíduo, ganhou as consciências, enredando-as na perspectiva umbilical de uma formação que constituiria o ponto de chegada da vida social. Estaríamos, então, no melhor dos mundos. Aos excluídos, abria-se o caminho para horizontes recessivos. Entre eles, o refúgio para horizontes milenaristas, corolário da naturalização neoliberal.

Do ponto de vista do conhecimento, a hegemonia dessas formulações neoliberais levou a se proclamar como ultrapassadas quaisquer tendências reguladoras ou de desenho de práticas sistêmicas, mesmo em aberto, à maneira (ou não) do pensamento dialético. Foi o que aconteceu com quaisquer práticas que pudessem evocar o terceiro-mundismo dos tempos de afirmação da ONU. Os novos países, em políticas pós-coloniais ou no contraponto do imperialismo, procuraram nortear suas ações para a possibilidade de atingir novas margens. Não conseguiram deslanchar, entretanto, no quadro político mais amplo, como um bloco supranacional. Sob a fria pressão dos outros dois mundos, acabaram por desmanchar seus horizontes alternativos.

Voltam a se esboçar hoje, após a derrocada soviética, tendências análogas àquelas que motivaram os terceiro-mundistas. Ganham peso econômico países tradicionalmente colocados à margem, como o Brasil. Abre-se ainda a possibilidade de se construir, no plano sócio-cultural, políticas tendentes a um mundo mais aberto à diferença e ao diálogo. Em relação à circulação, afirma-se a motivação para articulações em rede, desde as esferas geopolíticas até as áreas da cultura. Em face dessas

<sup>1</sup>Antonio, Candido. “Literatura e subdesenvolvimento”. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1988, pp. 140-162.

articulações torna-se necessário o efetivo estabelecimento de fronteiras múltiplas para dar consistência à política desses países ou blocos supranacionais. A constituição dos blocos torna-se necessidade política. No caso brasileiro, blocos geograficamente mais próximos como o do Mercado Comum do Sul (Mercosul), ou mais distantes, como o dos países do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China).

### Atitude intelectual

“Literatura e subdesenvolvimento”, escrito em 1969, foi publicado numa época de acirramento da repressão por parte do regime militar brasileiro, o que solicitava atitudes contra o confinamento ditatorial por parte do intelectual preocupado com questões político-sociais. Nessa atmosfera de sufoco, era estratégico, no campo da literatura e cultura, somar forças contra a brutalidade da ascensão conservadora que tomava conta da América Latina. Ao mesmo tempo, essas articulações constituiriam manifestações de solidariedade em relação aos poucos países que ainda faziam face a essa maré avassaladora. Para tanto, era imprescindível suprir a ausência de efetiva comunicação entre o Brasil e os demais países América hispânica, para nos atermos aos mais próximos.

Laços culturais comuns efetivamente existiam, desde os tempos coloniais, mas foram escamoteados pelas elites, afeitas a formas de dominação dentro do fluxo Norte/Sul. Não era dominante, nos fluxos assimétricos dessa relação dual, relevar formações históricas comuns, como as que provinham da bacia cultural mediterrânea ou das diferentes mesclagens com povos ameríndios e africanos. Como é de se observar, estamos associando o conceito de sistema literário de Antonio Candido ao de fluxo cultural. Os fluxos assimétricos suprimem cada vez mais distância por velocidade, tendo em vista impor a literatura como produto, afeito aos processos mercadológicos administrados desde os centros hegemônicos.

Diante do quadro político ditatorial dos anos de 1970, violentamente autoritário e discricionário, tornou-se politicamente relevante pensar a América Latina em bloco, a partir de suas carências, numa perspectiva popular. Ao mesmo tempo, essa atitude levaria a nos conhecer melhor no que tínhamos de próprios e em comum. É interessante observar que as articulações de solidariedade do campo intelectual são supranacionais e, o ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, logo de saída, numa inclinação supranacional do campo intelectual, acabou por ser publicado fora do país. Foram traduções da Unesco, numa revista de língua francesa e numa publicação coletiva em língua espanhola.<sup>2</sup> A primeira edição em livro no Brasil só veio a ocorrer nos tempos da abertura política, quando essa coletânea foi traduzida para a língua portuguesa.<sup>3</sup> O ensaio saíra anteriormente no primeiro número de uma revista brasileira ligada à resistência política.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> *Cahiers d'histoire mondiale*. trad.: Claude Fell. Neuchâtel, Unesco, XII, 4, 1970, e César Fernández Moreno (Coord. e Introd.). América Latina en su literatura. México, Unesco/siglo Veintiuno, 1972.

<sup>3</sup> São Paulo, Perspectiva, 1979.

<sup>4</sup> *Argumento* I, 1<sup>a</sup> out. 1973.

A trajetória das edições do ensaio já é ilustrativa das articulações do campo intelectual, indicando sobrevivência da área terceiro-mundista da Unesco, na Europa, ou no México, quando o ensaio foi inserido numa coletânea, onde as literaturas da América Latina são estudadas em bloco. Janelas abertas, diríamos, no jargão e com maior ênfase nos dias de hoje, de forma a propiciar interações, tendo em vista reflexões de ordem política. Com o ensaio, abriu-se até então o canal de comunicação que nos parece de maior impacto para o conhecimento da Literatura Brasileira nos países hispano-americanos e também das conformações histórico-culturais que ela mantém com as do conjunto das literaturas nacionais da América Latina.

O percurso discursivo de “Literatura e subdesenvolvimento” é ilustrativo do processo político análogo de nossas formações históricas, desde os tempos coloniais. Logo no início, Antonio Candido analisa o significado de pátria na Literatura Brasileira e estabelece pontes com as dos imaginários correlatos de escritores hispano-americanos. Em comum, os intelectuais latino-americanos aclimataram o utopismo do processo colonial, onde a América seria o lugar da liberdade, para projetá-la hiperbolicamente, quando da independência política. A ideia de pátria estava estreitamente associada à de natureza, por onde entrava a exaltação dos exotismos e da cor local, de gosto europeu. A imagem eurocêntrica relevando inclinações nativistas.

Essa visão idílica, além de procurar compensações para nossas carências, mostra uma intelectualidade dividida entre Europa e América, cujo bom exemplo brasileiro foram as conhecidas oscilações de Joaquim Nabuco, cujos efeitos se projetam até a atualidade. Vieram dos tempos coloniais o hábito de se importar, muitas vezes acriticamente, modelos estrangeiros, descartando as formas de conhecimento desenvolvidas no próprio país. Joaquim Nabuco, eurocêntrico, já destacava que era característica de qualquer brasileiro de seu tempo, com alguma formação na cultura erudita, essa divisão entre Europa e Brasil.<sup>5</sup> Isso porque a cultura do Velho Mundo conteria, acumuladas, a memória da trajetória humana e era, por isso, critério e repertório para as referências que marcavam e sensibilizavam o imaginário dos intelectuais brasileiros. O Novo Mundo, como uma criança, sem memória cultural e de história recente (desconsidera-se aqui a história dos povos ameríndios e africanos), era dependente desses modelos.

Impunha-se, pois, um novo ponto de vista crítico, para o intelectual situado no solo americano, o que no caso brasileiro começou a se esboçar, só a partir da década de 1930, de acordo com Antonio Candido, afirmando-se, sobretudo a partir desse momento, uma forma de consciência crítica de nossas carências:

A consciência do subdesenvolvimento é posterior à Segunda Guerra Mundial e se manifestou claramente a partir dos anos de 1950. Mas desde o decênio de 1930 tinha havido mudança de orientação, sobretudo na ficção regionalista, que pode ser tomada como termômetro, dadas a sua

<sup>5</sup> Joaquim Nabuco. *Minha formação*. 13. ed. Rio de Janeiro. Topbooks, 1999.

generalidade e persistência. Ela abandona, então, a amenidade e a *curiosidade*, pressentindo ou percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que se abordava o homem rústico. Não é falso dizer que, sob esse aspecto, o romance adquire uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos.<sup>6</sup>

Rompem-se assim, nos países latino-americanos, a “segregação aristocrática da era das oligarquias”,<sup>7</sup> mas surgem novas formas de manipulação, que vêm através da cultura de massas. Poder-se-ia acrescentar, contextualizando essa constatação para as últimas décadas: os novos hábitos inculcam, para além do gosto e da propaganda implícitas, pelos quais se afirmam a dominação imperialista, apontadas por Antonio Candido no ensaio publicado em 1970, a naturalização desses gestos. Levou à hipertrofia da cultura de mercado. Consumir acabou por se tornar uma forma de exercer a liberdade, atitude continuamente inculcada pela *mass media*. Coloca-se para a literatura, para Antonio Candido, uma outra atitude, consubstanciada na missão de reverter esses fluxos.

### A alienação e as aclimações

A intelectualidade latino-americana do período pós-independência exaltou, como é sabido, a natureza de seus respectivos países e, diante de nossas carências, adotaram uma forma de “consciência amena”, como a define Antonio Candido. Como a literatura, vista enquanto sistema, operacionaliza-se nas interações da cadeia comunicativa, nossos escritores acabaram por “flutuar” sobre a sociedade, como se constituíssem um grupo à parte:

Como o ambiente não os podia acolher intelectualmente senão em proporções reduzidas, e como os seus valores radicavam na Europa, para lá se projetavam, tornando-a inconscientemente como ponto de referência e escala de valores; e considerando-se equivalentes ao que havia lá de melhor.<sup>8</sup>

Não foram suficientes projetos pedagógicos que esses grupos vislumbravam como suficientes para desenvolverem seus países do ponto de vista cultural. Restritos às elites, esses projetos na área educacional, que vieram do período pós-independência e que chegam até a época da “consciência do subdesenvolvimento”, mostram-se inócuos, justamente pela ausência de uma inserção social mais profunda e mobilizadora. Dom Pedro II tinha essa “consciência amena”, assim como Sarmiento, Andrés Bello e Rómulo Gallego. Entre os críticos brasileiros, Antonio Candido resgata Manuel Bonfim, que publicou justamente uma obra intitulada *A América Latina*, onde analisa a persistência do estatuto colonial na época de pós-independência, através das adaptações das elites, que comutaram formas de dominação coloniais pelas do imperialismo.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, p. 142.

<sup>7</sup> *Idem, ibidem*, p. 146.

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*, p. 148.

No plano da criação literária, o deslocamento de nossos escritores não resultou apenas um exercício de alienação cultural, pois as ambiguidades de posição de muitos deles levaram-nos a firmar posições de relativa independência cultural, mesclando modas europeias a uma tradição mais conservadora, proveniente de ambientes provincianos, sem se reduzir a eles. Uma aclimação, poderíamos acrescentar, movida pela vontade de afirmar o regional ou o nacional. Assim, no assim chamado Modernismo, nos países de língua espanhola – equivalente aos movimentos parnasianos e simbolistas no Brasil –, entre muitas produções irrelevantes, Antonio Candido reconhece mérito de um Rúben Darío, Herrera y Reissig, Bilac e Cruz e Sousa.

Interessante a se destacar nessas apropriações do repertório europeu, é a assimetria dos tempos, que abre a possibilidade de o contexto situacional de cada país imprimir novos sentidos a uma tendência literária, diferentemente do que ela provoca à mesma época no país de origem. Por exemplo, enquanto o Naturalismo já era considerado sobrevivência na Europa enquanto tendência, em países como os da América Latina ele fornecia repertórios legítimos para uma literatura bem realizada e de intervenção social, como ocorreu nos anos de 1930. Mesmo no quadro político-cultural da dependência, abre-se a possibilidade de reversão de fluxo, como aconteceu com escritores relevantes, como Ruben Darío em relação à antiga metrópole e escritores brasileiros como Graciliano Ramos, Jorge Amado e José Lins do Rego em relação ao Neo-Realismo português.

Estabelece-se, assim, o que Antonio Candido apontou como “causalidade interna”, que é fundamental para a superação da dependência nas esferas da literatura. O crítico reconhece os limites dessa denominação, mas a inclinação desse olhar para repertórios nacionais se efetivou na prática literária de escritores brasileiros como Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto no Brasil, e Jorge Luís Borges, na Argentina. Valem-se de um repertório proveniente de forma dominante (mas não só) da experiência literária interna. Já a projeção externa da obra desses escritores depende, entendemos, de fatores que impediram que a obra de Machado de Assis fosse conhecida e circulasse pelos países europeus, com traduções em outras línguas. É que a circulação cultural depende do prestígio e acesso ao suporte linguístico, apontado por Antonio Candido, e também dos interesses editoriais e da própria imagem do país no exterior. A inversão do fluxo cultural associa-se a questões políticas mais amplas, independentemente da capacidade de cada país produzir obras significativas.

### **Inter-relações, interações**

Uma nova situação começou a ser configurada nos anos de 1980, como esclarece Antonio Candido em nota de rodapé à edição da coletânea *A educação pela noite e outros ensaios*. Começou a se efetivar uma maior circulação de textos literários na América Latina, marcadamente através da ação cultural de Cuba. Afirma-se, assim, o campo intelectual latino-americano e, com ele, nosso comu-

nitismo cultural num direcionamento supranacional. É de se entender que na atualidade se torna cada vez mais imperativa a necessidade de se entender que o nosso mundo é de fronteiras múltiplas, sendo importantes estreitar esses laços comunitários e entender que outras laçadas comunitárias são igualmente necessárias. Do comunitarismo cultural, que nos levam a outros blocos, ao econômico e ao social. Se o processo unidirecional da globalização indefine fronteiras em favor do capital hegemônico, essa mesma indefinição propicia maior definição de articulações supranacionais, como o dos movimentos étnicos, de gêneros, etc. Ou como diz Antonio Candido,

num momento em que a lei do mundo é a inter-relação e a interação, as utopias de originalidade isolacionista não subsistem mais no sentido de atitude patriótica, compreensível numa fase de formação nacional recente, que condicionava uma posição provinciana umbilical.<sup>9</sup>

Suas palavras referem-se à perspectiva ingênua (às vezes conservadora) de se limitar às fronteiras nacionais. Há quarenta anos, e muito mais em nossos dias, o que era dependência vai se inclinando para um ajuste de “interdependência cultural”, através de escritores que têm a consciência da “unidade na diversidade” e que ao refletirem sobre o desenvolvimento produzem obras originais, revertendo os fluxos tradicionais entre a América Latina e os países coloniais ou imperialistas. Entre outros exemplos indicados por Antonio Candido, é o que ocorre com Julio Cortázar, que combina de forma criativa e original “fidelidade local e mobilidade mundial”.<sup>10</sup> Através da “consciência do subdesenvolvimento” supera-se o que podemos apontar como a dicotomia entre o que o crítico brasileiro chama de “aceitação indiscriminada” e a “ilusão de originalidade” em relação aos fluxos externos. Foi essa consciência que levou Alejo Carpentier a incorporar técnicas surrealistas e referências transnacionais.

Importa, para tanto, que o escritor tenha consciência aguda da crise em que ele se vê mergulhado e procure atingir um universal, a partir do local de onde se fala. E se a realidade latino-americana era sobretudo rural ou regional, foi daí que começou a ser desenvolvida a consciência de nossas carências, chegando depois às regiões urbanas, ou diríamos ainda suburbanas. São numerosos os autores de língua portuguesa e espanhola citados por Antonio Candido nessa trajetória de uma consciência aguda da crise que nos envolve. Escritores quase todos com obra capaz de produzir impactos literários também em leitores de outros idiomas, em produções que acabaram por serem traduzidas. Aí se encontram, entre outros, um Astúrias e um Graciliano Ramos.

Mais recente, como uma tendência posterior a essa consciência aguda da crise, – é de se entender, sem descartá-la –, Antonio Candido propõe um novo momento “que se poderia (pensando em surrealismo, ou super-realismo) chamar-se

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p. 154.

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p. 155.

*super-regionalista*. Ela corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento”.<sup>11</sup> Estão neste caso as obras de Guimarães Rosa e Juan Rulfo.

Os impactos literários supranacionais indicam que ocorreram “impactos humanos” apontados por Antonio Candido. As marcas mais localistas mesclam-se com aquelas que vêm de outras culturas e em seus múltiplos registros nacionais. São experiências históricas que se colocam, na escrita, num processo que tende ao que *falta*, na perspectiva do campo intelectual e que se consubstanciam nas séries discursivas que são apropriadas pelo discurso literário. Estão aí presentes formulações do imaginário marcados pela criouldade, isto é, uma cultura híbrida, mesclada, onde pedaços de várias culturas se disputam, em processo contínuo, na cadeia comunicativa que chega ao leitor.

Nesse processo, nenhuma literatura (ou cultura) aprende apenas a partir de sua própria experiência, mas esta é fundamental, para Antonio Candido, para dar sequência à formulação de um pensamento crítico interno aos países da América Latina. E a inclinação da novelística latino-americana, com um Arguedas, García Márquez, Roa Bastos e Guimarães Rosa, a partir do local, diríamos, desloca a representação, de forma subversiva, afastando a possibilidade de restrição a aspectos fenomênicos dessa realidade. Esse deslocamento, mais que horizontal, é vertical, na palavra escrita. Opõe-se à assimilação da visão pitoresca que vem da ótica eurocêntrica (ou externa), própria da divisão do campo de simbolização imposta pela hegemonia cultural, assimilada pelos seus sublocadores internos.

Nessas narrativas, os escritores estabelecem interlocuções em múltiplos registros culturais. Crioulamente, diríamos, num movimento de consciência ativa da diferença que marca o processo identitário, com a identidade sempre colocada no plural, quer em nível individual ou coletivo. A diferença, assim, não constitui uma forma de guetização, como a apresentada pelo multiculturalismo. Diferença entendida como um processo que *tende a*, em aberto.

## O escritor e o crítico

Nessa época, escritores como Guimarães Rosa e Garcia Marques tornavam-se conhecidos e eram traduzidos para outros idiomas, mas é interessante destacar que na América Latina foi notável a presença da música popular, com a poesia de suas letras, como ocorreu com Chico Buarque de Holanda. A oralidade na poesia de um Chico e na prosa de ficção de um Guimarães Rosa. Registros cultos da linguagem apropriados na perspectiva popular da cidade ou do matuto do campo. A literatura saía assim de seus casulos, procurando estabelecer pontes com outras mídias, como anteriormente o fizera com o teatro, o cinema e outras artes. O importante era o desafio de se falar, ao mesmo tempo, em vários registros, como os poemas cantados de muitos poetas da América Latina, apontados por Antonio Candido (Nicolas Guillén, Mário Benedetti), com registros orais e escritos.

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*, p. 161-162.

Os africanismos de Gilberto Gil ganharam um público amplo, mesclando o popular ao erudito. Configura e atualiza tradições poéticas eruditas da língua portuguesa, um certo vanguardismo da escrita e as letras dos lunduns que nos levam a um Domingos Caldas Barbosa. Nessas apropriações crioulas latino-americanas, desenham-se culturas de liberação do corpo, em ritmos africanos e ameríndios, para se exorcizar os medos das ditaduras. Dessa forma, ao incorporar perspectivas mágicas que vêm dessas culturas, escritor fica livre para voar, sem os constrangimentos que nos levam a adequar às modas ditadas pelos fluxos hegemônicos. Nos vãos, projetam-se os desejos e as carências de atores históricos que acessam a rede supranacional em seus lócus híbridos. Esta é a vetorização, do lócus particular aos mais gerais, e não o inverso, onde o campo hegemônico figure ideologicamente como ponto de chegada. É necessário que se atente para o fato de que não estamos sozinhos no mundo e que as práticas discursivas tendem a apresentar processos de modelização equivalentes, de acordo com os desenhos das articulações dos modos de produção dominantes. Se a modernidade pode ser vinculada ao construtivismo da produção industrial, a pós-modernidade articula-se a processos de modelização afins das aspirações do capitalismo financeiro.

Antonio Candido tem consciência do lugar de onde acessa o mundo. Sem a comodidade de enfoques pré-estabelecidas que só levam a caminhos já configurados, seu discurso crítico alarga para a América Latina questões centrais da sociedade e do campo intelectual brasileiro. Nesse sentido, a publicação de “Literatura e subdesenvolvimento” ao voltar-se para a necessidade de se pensar a América Latina em bloco traz um gesto correlato ao que ele havia desenvolvido em suas críticas de Literatura Brasileira, em que a literatura é vista como um processo do conhecimento. A crítica necessária, substantiva, capaz de contribuir para a dinamização do campo intelectual. Foi assim que o crítico contribuiu, também no “calor da hora” das primeiras edições, para a emergência de escritores tão diferentes, como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Pelas margens sociais, relevou escritores como João Antônio, entre tantos outros que poderiam ser arrolados. Suas leituras foram igualmente um contributo para reativações e redirecionamentos de leitura de autores como Graciliano Ramos, quando passou a situá-lo diante das carências de nossos referenciais histórico-sociais.

### **Literatura comparada e a Ibero-Afro-América**

“Literatura e subdesenvolvimento” situa-se no campo da literatura comparada e se pauta não apenas por um comparatismo que veio das imposições de nossa formação histórica, mas também pelo desejo de o crítico pensar as literaturas latino-americanas em bloco, conforme indicamos. Trata-se, pois, de um comparatismo prospectivo, para nos conhecer e nos pensar politicamente. Ao comparatismo da necessidade, soma-se o da cooperação e solidariedade, conforme temos procurado desenvolver em relação aos países de língua oficial portuguesa. Convém estender essas inclinações de solidariedade da América Latina, na atualidade, para os países de língua portuguesa que se libertaram do jugo

colonial, cinco anos após a primeira publicação de “Literatura e subdesenvolvimento”. O desenho do crítico, assim situado, e suas equivalências discursivas. Os laços históricos entre Brasil, Portugal e África eram evidentemente anteriores. Importa destacar que esses laços são extensivos à América Latina e os países africanos colonizados por Portugal podem ser também estudados numa perspectiva ibero-afro-americana. À hegemonia das culturas europeias na América Latina, superpõem-se, mais ou menos, conforme o país ou regiões, as culturas africanas e ameríndias. Na África de língua oficial portuguesa, a literatura e cultura do Brasil sempre se fizeram presentes, como também mais pontualmente as ibero-americanas, em especial quando dialogaram com a África.

Um bom exemplo ilustrativo dessa circulação foi uma coletânea de estudantes africanos, que se agregavam nos inícios dos anos de 1950, na Casa dos Estudantes do Império, de Lisboa: o caderno *Poesia negra de expressão portuguesa* (1953), organizado por Francisco Tenreiro e o angolano Mário Pinto de Andrade.<sup>12</sup> Houve a preocupação dos organizadores dessa antologia impressa em Lisboa, de imbricarem, nos poemas e nas reflexões teóricas do prefácio e do posfácio, perspectivas da vanguarda política com os da vanguarda literária. Vale recordar que esta é uma inclinação similar à apontada por Antonio Candido em relação à melhor produção literária da América Latina, no após-guerra. É na atmosfera dessa modernidade ativa que procedimentos que levam a articulações supranacionais confluem para os identificados com os africanos, de forma a construir um imaginário político de libertação nacional e social. A coletânea foi organizada na esteira da antologia negra de expressão francesa, publicada anos antes, com o famoso prefácio de Jean-Paul Sartre, o “Orfeu negro”.

Essa determinação supranacional se fez em torno do movimento negro, mas as diferenças em relação ao seu deslocamento para outro contexto já se fazem sentir nos poetas e nos poemas escolhidos. Nicolás Guillén foi colocado na dedicatória da antologia como a “voz mais alta da negritude de expressão hispano-americana”. Mais: é surpreendente que logo no início da antologia de língua portuguesa, a inserção de um poema do poeta cubano no original, em castelhano. E o poema não fala de negritude – o específico do negro -, mas de miscigenação étnica e cultural, destacando a condição proletária, que vem do discurso marxista:

(...) *Estamos juntos desde muy lejos,  
jóvenes, viejos,  
negros y blancos, todo mezclado;  
uno mandando y otro mandado,  
todo mezclado;  
Santa Maria y otro mandado,  
todo mezclado;  
todo mezclado, Santa Maria,  
San Berenito, todo mezclado,*

<sup>12</sup> Francisco Tenreiro; Mário Pinto de Andrade. *Poesia negra de expressão portuguesa*. 2. ed. Linda-a-Velha, África-literatura, arte e cultura, 1982.

*todo mezclado, San Berenito,  
San Berenito, Santa Maria,  
Santa Maria, San Berenito,  
todo mezclado. (...)*<sup>13</sup>

É significativo que se registre o fato de que numa pequena antologia de autores de língua portuguesa se abra espaço – uma espécie de pórtico poético – para um escritor de língua castelhana. Nicolás Guillén era um mestiço, representativo da criouldade cubana. Vem também da criouldade a seleção dos poetas nacionais de Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, reunindo poetas de origem étnica branca, negra e mestiça. Culturalmente, eram todos explicitamente híbridos e tendentes a articulações com os países de língua portuguesa e espanhola. Observe-se, nesse sentido, o seguinte fragmento do poema “Coração em África”, de um dos organizadores da antologia, o são-tomense Francisco José Tenreiro, que aponta para a comunidade cultural ibero-afro-americana:

(...) de coração em África com as mãos e os pés trambolhos disformes e deformados como os quadros de Portinari dos estivadores do mar e dos meninos ranhosos viciados pelas olheiras fundas das gomas de Pomar vou cogitando na pretidão do mundo que ultrapassa a própria cor da pele dos homens brancos amarelos negros (...)<sup>14</sup>

## A administração da diferença

Tenreiro é um dos atores do campo intelectual transnacional para quem “a pretidão do mundo (...) ultrapassa a própria cor da pele dos homens brancos amarelos negros”. Seu poema é uma laçada não apenas para o comunitarismo que se faz pela Ibero-Afro-América, mas também com os atores negros da África, Caribe e Estados Unidos. É diante dessa afirmação, que convém reatar os fios, com a atualidade deste momento da eleição de Barack Obama, seguramente um golpe no conservadorismo norte-americano que se afirmou com o macarthismo, à revelia dos princípios estabelecidos na carta da ONU de 1946. Talvez seja um triunfo da tendência da administração da diferença, afim do multiculturalismo, por sobre a prepotência imperial dos últimos tempos. Se Obama escreveu um livro progressista como *A ousadia da esperança*, comprometido com o que Edward Said chamou de “outro EUA”, hoje ele já se mostra em posição diferente, em face de seus compromissos eleitorais. A mídia proclama um renascimento norte-americano, isto é, das elites, e não um “renascimento negro”, dos excluídos não apenas negros, mas também brancos, amarelos e mestiços, como Obama. Neste momento pós-neoliberal, a afirmação de uma tendência mais tolerante, que é da administração da diferença, não deixa de constituir uma maneira de se preservar a hegemonia. Seus discursos já apontam nessa direção.

<sup>13</sup> *Op. cit.*, p. 56.

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*, p. 68.

Mostram-se atuais, pois, estratégias de estudos comparados voltados para os blocos culturais, como o da América Latina, perspectiva inaugurada por Antonio Candido, “no calor da hora”, para nos valer de um título de Walnice Nogueira Galvão. A solidariedade comunitária como forma de articulações supranacionais, que devem se respaldar em estruturas sociais com inclinações libertárias.

É importante reiterar, conforme temos enfatizado em vários momentos, que o acesso à rede supranacional se faz num lócus enunciativo determinado, e Antonio Candido estava no Brasil. Se um crítico literário tem seu contexto situacional numa universidade norte-americana, por exemplo, ele não pode desconsiderar o fato de que seu discurso pode estar associado a estratégias hegemônicas desse país. Este, pelo consenso hegemônico, pode inclusive não apenas aceitar, mas também a promover a capitalização da diferença. Uma diferença evidentemente que se consubstancia em produtos, desde a imagem democrática do país hegemônico até a mercadorias mais diretamente comercializáveis. Não se pode esquecer a posição dos Estados Unidos como único país a defender a inserção da cultura como “produto”, na Organização Mundial do Comércio. Haverá, para além do diretamente comercializável, um “reconhecimento” internacional da instituição onde esse crítico trabalha, o que certamente atrairá alunos, inclusive dos países não-hegemônicos. A partir dessa situação, serão criadas as condições para convênios interinstitucionais com esses países.

É provável que o fluxo cultural hegemônico, configurado em teorias e correntes críticas, acabe por ter um entreposto associado. Se esse porto for efetivamente crítico, é de se presumir que veiculará fluxos de natureza diferente daqueles da estandardização que norteia a cultura de massa, mas suas práxis não deixarão de apresentar vetorização equivalente. Sem reconfigurações das redes discursivas intervenientes a dinâmicas contra-hegemônicas, de maneira a se estabelecer fluxos recíprocos, o novo lócus pode ser um porto que corre o risco de ser no máximo uma particularidade de um desenho mais abrangente da administração da diferença. O lócus determinante do fluxo, no caso da sublocação subalterna, não deixa de estar no centro hegemônico. É próprio das estratégias de legitimação da hegemonia tolerar a diferença, desde que seja uma diferença administrada, quase sempre prevista e elaborada, enquanto possibilidade de abertura, desde o centro do fluxo. Tais observações valem tanto para o vestuário quanto para as modas críticas. Através de estratégias de convergência dessa modalidade de administração, a incorporação orgânica da diferença poderá inclusive constituir fator de dinamização da rede hegemônica.

Os atores de um campo intelectual supranacional efetivamente crítico devem estar atentos para o implícito das formulações hegemônicas. Atualizações desses repertórios, nesse sentido, não podem ignorar os cruzamentos discursivos de contextos situacionais provenientes das relações de pertencimento desses sujeitos. Mesmo adotando atitudes como se estivessem em situações psicossociais de migrantes, eles não dialogam em abstrato, mas com culturas diferentes, provenientes de experiências históricas que têm suas singularidades. E estar nos

Estados Unidos não é como estar no Brasil ou em qualquer outra parte do planeta, como aparece nos discursos globalizadores tendentes à neutralização da diferença e à sublocação do mesmo. Se os óculos críticos advindos dessa circulação cultural podem aguçar a percepção, em função da própria criticidade eles não podem implicar convergências ópticas inclinadas à preservação da continuada colonização do imaginário nas regiões ou países situados na periferia do capital. Faz parte da ideologia desse processo de colonização, entendemos, a consideração acrítica, dissociada de situações históricas, de um certo relativismo nômade, que resvala sem se fixar, sem deixar de seguir o curso dos fluxos dominantes. Mesmo o migrante – é de recordar o caso de Edward Said – conecta-se através de redes, mas reside e vincula-se a malhas sociais definidas.

#### **Referências bibliográficas**

Antonio Candido. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: Antonio Candido. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1988.

Joaquim Nabuco. *Minha formação*. 13. ed. Rio de Janeiro, Topbooks, 1999.

Francisco Tenreiro; Mário Pinto de Andrade. *Poesia negra de expressão portuguesa*. 2. ed. Linda-a-Velha, África-literatura, arte e cultura, 1982.